A exposição “No Mesmo Lugar” propõe uma reflexão sobre as memórias da Guerra Colonial portuguesa a partir das artes plásticas. Reúne os artistas Sobral Centeno e Daniel Barroca, de gerações distintas, que trabalham sobre arquivos fotográficos produzidos durante o conflito. Sobral Centeno parte do período em que foi combatente na Guiné, entre 1970 e 1971. Foi então que aprendeu a fotografar, a revelar e a imprimir, registando de forma compulsiva o lugar, o quotidiano, a presença militar portuguesa e o confronto com a realidade guineense. Daniel Barroca, por sua vez, tem como ponto de partida o arquivo fotográfico do período em que o seu pai foi combatente na Guiné-Bissau, entre 1972 e 1974, articulado com outros arquivos.

Ambos desenvolvem uma prática artística assente na apropriação de arquivos privados: Sobral Centeno a partir do seu próprio arquivo e Daniel Barroca a partir do arquivo paterno. As suas abordagens distinguem-se nos meios utilizados: Centeno recorre à fotografia, ao desenho e à intervenção sobre fotografia; Barroca recorre à videoarte e à intervenção sobre fotografias apropriadas.

Embora partam de posições diferenciadas — Centeno a partir da experiência vivida enquanto combatente e Barroca enquanto descendente de um país com um passado colonial no qual não participou diretamente —, os dois artistas convergem numa interrogação crítica sobre o passado colonial português. O objetivo comum destas práticas é descolonizar o conhecimento e as emoções em relação a esse passado.

Nesse sentido, as duas gerações rebatem o silêncio ensurdecedor que se abateu sobre as imagens, expondo-as à reflexão. Como assinalam Piçarra e Castro a propósito da obra de Daniel Barroca, a redenção surge “assombrada por ‘um obscuro sentimento de culpa’” (2017, p. 233). A exposição confronta, assim, um país colonizador com a última guerra em que esteve envolvido, problematizando a sua memória através da arte contemporânea.

Agradecimentos
Galeria Nuno Centeno, José Estima, Joaquim Barroca, V.Coutinho Indústrias Gráficas, Vasco Sá-Coutinho, Nuno Sá-Coutinho

MIRA Galerias | Espaço MIRA
Direção Manuela Matos Monteiro e João Lafuente
Direção Artística Manuel Santos Maia
Comunicação Manuela Matos Monteiro
Júlia Morais Pacheco

Rua de Miraflor nº 155 | 4300-334 Campanhã
Quarta - Sábado: 15h - 19h | Entrada Livre
929 113 432 | miragalerias@miragalerias.net
https://www.youtube.com/EspaçoMIRA
@espacomira | facebook.com/espacomirafotografia

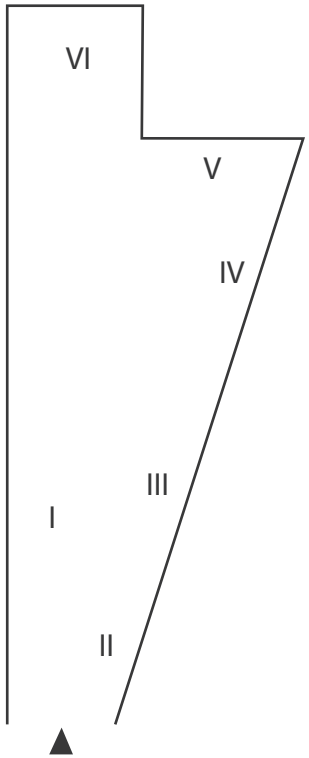
MIRA GALERIAS ESPAÇO MIRA



NO MESMO LUGAR

SOBRAL CENTENO E DANIEL BARROCA

7 NOV - 28 DEZ 2026



I.
Sobral Centeno e Daniel Barroca
No mesmo lugar
Intervenção a/ fotografia
Impressão s/ papel
200x 80 cm

II.
Cruzando olhares, 2011/26
Colagem de impressão a jato de tinta riscada com ponta seca e grafite sobre papel, 100 x 140 cm

III. Instalação com:

Sobral Centeno:
Piche, 1970 - 1971
Fotografia
3 _ 9 x 12,5 cm
5 _ 11,5 x 9 cm

Balas perdidas, 2025
7 Desenhos s/ papel
29, 7 x 42 cm

Trajetórias, 2025
5 desenhos
29, 7 x 42 cm

Na Guiné foi assim, tudo preto e branco, 2025
3 Desenhos s/ papel
29, 7 x 42 cm

Balas perdidas, 2025
2 Desenhos s/ papel
29,7 x 42 cm

Daniel Barroca:

Sombras e soldados, 2026
Carvão sintético, grafite e marcador sobre papel, 100 x 70 cm

Olhos, 2026
Grafite, marcador, carvão sintético e lápis a cores sobre papel, 42 x 30 cm

Sem título, 2026
Marcador sobre papel, 30 x 21 cm

IV. *No mesmo lugar*, 2026

Imagens filmadas por Daniel Barroca em 2016 com fotografias de Sobral Centeno e José Estima tiradas entre 1970 e 1974 no leste da Guiné-Bissau.

Vídeo
02’ 29”

V.Instalação com:

Não contar mais histórias: The End, 1973
Desenho s/ papel
46 x 58,5 cm

Balas perdidas, 2025
7 Desenhos
29, 7 x 42 cm

VI. *No mesmo lugar, 2026*

Imagens filmadas por Daniel Barroca em 2016 com fotografias de Sobral Centeno e José Estima tiradas entre 1970 e 1974 no leste da Guiné-Bissau.

Vídeo
11’ 26”

Havia um lugar em Piche, no leste do território que à época se chamava Guiné Portuguesa e hoje se chama Guiné-Bissau, que pertencia a um libanês chamado Toufic, onde os soldados portugueses estacionados no quartel de Piche, durante a guerra, por vezes iam comer e beber nos seus tempos livres. Esses momentos foram fotografados por vários soldados de entre eles o Sobral Centeno, que imprimiram essas fotografias e as fizeram circular de mão em mão ao longo do tempo. Primeiro entre a geração que participou na guerra e que aparece nas imagens e, mais tarde, entre a geração seguinte, que as herdou em álbuns fotográficos que permaneceram mais ou menos suspensos no tempo, dentro de gavetas e armários, no quotidiano do pós-guerra. Uma parte significativa do meu trabalho tem surgido de um dos álbuns com imagens daquele restaurante libanês durante a guerra onde o meu pai também foi soldado.

Quando o Sobral Centeno viu alguns dos meus trabalhos reconheceu esse espaço onde também ele havia estado quando passou pela guerra naquela zona entre 1970 e 1971. “Deixa-me ver se estou aqui...”, disse ele ao reconhecer a sala de refeições onde os soldados se sentavam ao longo de uma mesa corrida. Mas não estava. Porque as fotografias que eu utilizei são dos soldados que o foram render. Ou seja, o batalhão onde o meu pai havia sido incorporado, que chegou em 1972, foi render o batalhão a que o corpo de artilharia do Centeno estava ligado, que lá esteve entre 1970 e 1972. O Sobral Centeno contou-me que foi durante a guerra que, com outros camaradas, aprendeu a fotografar e a trabalhar no laboratório que vários soldados criaram em segredo dentro do quartel de Piche. Fotografava compulsivamente o quotidiano à sua volta, onde os militares portugueses se movimentavam por entre os civis e executavam as missões armadas, que constituíam a experiência diária da guerra de guerrilha contra o movimento de libertação daquele território. As ressonâncias dessa experiência intensa e violenta informou os gestos que deram origem aos desenhos que fez nesse período da sua vida, mantendo-se, com certeza, presentes ao longo da sua prática artística desde então.

Para mim, o diálogo com o Sobral Centeno é como uma ponte muito concreta que me permite aceder um pouco mais vividamente ao passado vivido na guerra que, de forma muito estranha e bizarra através do meu pai, também sinto interiormente que vivi. É estranho quando uma geração olha para a geração que lhe precede parecendo, por vezes, que o tempo se dobra coincidindo em certos pontos. Quando há uma guerra pelo meio essa sensação de coincidência temporal surge de modos ainda mais estranhos. É como olhar para vidas passadas que, atravessadas por episódios de violência quase insanáveis, se continuam repercutindo no tempo. É aqui que eu e o Sobral Centeno nos encontramos. Dois artistas de gerações diferentes que procuram sentidos a partir de um mesmo lugar da mesma guerra.

Daniel Barroca